

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

GABRIEL GONÇALVES SCHOENMAKER

**O PERCURSO DA BARBÁRIE DA ALEMANHA AO BRASIL:
ANÁLISE DO AUTORITARISMO ATUAL À LUZ DA TEORIA
CRÍTICA**

**Uberlândia, MG
Dezembro 2018**

GABRIEL GONÇALVES SCHOENMAKER

**O PERCURSO DA BARBÁRIE DA ALEMANHA AO BRASIL:
ANÁLISE DO AUTORITARISMO ATUAL À LUZ DA TEORIA CRÍTICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Filosofia
da Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação do Prof.
Dr. Rafael Cordeiro Silva.**

**Uberlândia, MG
Dezembro 2018**

GABRIEL GONÇALVES SCHOENMAKER

**O PERCURSO DA BARBÁRIE DA ALEMANHA AO BRASIL:
ANÁLISE DO AUTORITARISMO ATUAL À LUZ DA TEORIA CRÍTICA**

Banca de Avaliação reunida em 06/12/2018

Prof.^a Dr.^a Ana Paula de Ávila Gomide (UFU)

Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva (UFU)
Orientador

(Versão corrigida)

Uberlândia, dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva, pelo apoio e tempo dedicado em auxiliar-me neste trabalho.

Agradeço aos integrantes do grupo de estudo “Teoria Crítica e Filosofia Social” da UFU, do qual pude tirar grande proveito de nossas discussões.

Aos meus amigos e minha namorada, que me auxiliaram durante todo esse processo, tanto pelas conversas acerca dos assuntos tratados aqui quanto pelo apoio psicológico.

A todas as pessoas que resistiram à barbárie, continuaram e continuarão a luta antifascista, pela inspiração que me forneceram e esperança que representam.

RESUMO

Este trabalho busca expor as ideias de Theodor Adorno e Max Horkheimer acerca da ascensão do nazismo na Alemanha, e relacionar algumas causas desse autoritarismo verificadas pelos autores com a situação do Brasil atual, demonstrando o percurso do pensamento deles, desde a crítica à dominação da natureza e à razão subjetiva, e seus efeitos na mente das massas, até os fatores psicológicos gerados pelo progresso que culminaram na reprodução da desgraça, e como seria possível efetuar uma mudança real na sociedade a partir de uma educação emancipatória para a realização de uma democracia eficaz.

Palavras-chave: *Autoritarismo; Barbárie; Democracia; Dominação; Educação; Emancipação.*

SUMÁRIO

Introdução.	6
1 – A sociedade mecanizada: indústria cultural e coletivização.	8
2 – A recaída na barbárie, o autoritarismo e a falta de razão.	15
3 – A situação atual do Brasil, a repetição da história.	24
4 – Emancipação e resistência.	32
Conclusão.	43
Referências.	44

Introdução

Theodor Adorno e Max Horkheimer são expoentes da Escola de Frankfurt: judeus, que presenciaram os eventos da Segunda Guerra Mundial e, devido ao antissemitismo instaurado na Alemanha nessa época, foram forçados a buscar refúgio nos Estados Unidos. Por essa vivência particular, enquanto filósofos, ambos têm visões extremamente pertinentes acerca daquele momento. Baseados em pesquisas empíricas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Social, eles levantam teses acerca da ascensão do autoritarismo, do preconceito, e a manifestação da barbárie em muitos de seus aspectos, das câmaras de gás até – pode-se assim dizer, por extensão – a violência em estádios esportivos.

Neste trabalho, portanto, tratarei de expor o percurso argumentativo dos autores, demonstrando como, em uma sociedade extremamente desenvolvida técnica e intelectualmente, a barbárie ocorreu, e pode ocorrer novamente. Assim, no primeiro capítulo, apresentarei o que Horkheimer afirma ser a doença da razão hoje, com base no livro *Eclipse da razão*. Ele nota o progresso como uma forma de dominação, que posteriormente se torna um culto à mecanização, mecanização essa que se transforma no modelo intelectual geral. Uma das consequências disso, tiradas da vivência dos filósofos nos Estados Unidos, é a indústria cultural, a indústria com alto nível técnico que serve apenas para propagar a ideologia da dominação. Com esse complexo sistema demonstrado, encerrarei mencionando os problemas da coletivização que essa situação gera, e como isso favorece para o surgimento do fascismo.

O segundo capítulo apresentará, segundo os autores, como se deu o surgimento do nazismo na Alemanha, conectando a definição materialista histórica e psicológica de autoridade com a mecanização do trabalho e a consciência coisificada que foi originada do liberalismo. Ou seja, como o culto à realidade, derivado da razão subjetiva, cria um clima fértil para o surgimento do fascismo, a partir da relação dos textos “Autoridade e família”, de Horkheimer, e seu escrito conjunto com Adorno, “Elementos do Antissemitismo”.

O terceiro capítulo tem como objetivo demonstrar como a barbárie se mostra nos dias de hoje, principalmente no Brasil. Desse modo, tentarei apresentar como os

fatores que geraram o fascismo na Europa estão presentes em nosso país, efetuando relações históricas com o que é tratado no texto “O que significa elaborar o passado”, de Adorno. Evidenciarei como o momento atual e o esquecimento da ditadura militar brasileira é semelhante ao esquecimento do nazismo entre os alemães, conforme afirmou Adorno. Além disso, reforçarei as ideias passadas no segundo capítulo, sobre como o sistema utiliza mecanismos de controle do inconsciente para repetir a desgraça.

Finalmente, concluirei apresentando as propostas educacionais demonstradas por Adorno no compilado de textos *Educação e emancipação*, procurando meios e métodos educacionais para a geração de pessoas autodeterminadas, como uma forma de resistência ao horror do fascismo. O objetivo dessa educação é a conscientização para impedir o retorno da barbárie, e para atingir uma sociedade em que os indivíduos estejam preparados para atuar positivamente na democracia como seres políticos, principalmente nos dias de hoje, em que o terror ameaça seu retorno e as pessoas se mostram cada vez mais autoritárias.

1 – A sociedade mecanizada: indústria cultural e coletivização

Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento* e no *Eclipse da Razão*, identifica a história da humanidade com a história da dominação da natureza, como um processo que culmina na barbárie. Todo progresso vem à custa da dominação, seja da natureza externa, ao se manipular o mundo através da magia ou de tecnologias, seja da interna, ao se submeter os homens ao trabalho ou a se controlar a si mesmo para um convívio segundo regras sociais. A escolha pelo esclarecimento era, no fundo, a de se submeter ao mundo, ou submeter o mundo. Inicialmente, havia um princípio de identificação com a natureza externa, quando o feiticeiro ou xamã colocava as máscaras dos espíritos para invoca-los a fim de ter uma caça bem sucedida. O fim era bem definido, a sobrevivência, e seu objeto era a multiplicidade da própria natureza enquanto algo a ser apaziguado. Na era do mito, esse elemento foi perdido na autonomia do ritual, a identificação é abandonada e o que toma seu lugar é a significação. No desenvolvimento dos deuses como princípio único, todo o conteúdo do ser se resume a isso. Essa atomização resulta no “reconhecimento do poder como princípio único” e a imagem e semelhança do homem em relação a deus, que se dá devido à sua atuação como dominador da natureza, fornece-lhe um sentido de “soberania sobre a existência.”¹

Na era do esclarecimento, a ciência, mesmo representada em seu papel de negar o mito, contém, em sua própria essência, o aspecto do mito, ao tratar da natureza. Ao identifica-la como uma unidade, ele não está realmente conhecendo-a e reconhecendo-a em sua multiplicidade, mas sim como objeto para manipulação, sua essência é apenas “substrato da dominação”. Essa razão subjetiva é desprovida de fins, o progresso técnico tomou os meios, a saber, a dominação da natureza, como fim último, a subjugação do existente, de todo o ser e dos homens. No campo do trabalho, Horkheimer faz o seguinte comentário sobre a herança ideológica dos “homens da fronteira”:

A diferença entre a “mentalidade cultivada na fronteira” dos verdadeiros pioneiros americanos e aquela dos seus modernos propagadores parece gritante. Os próprios pioneiros não hipostasiavam os meios como fins. Eles abraçaram a dura labuta em sua luta imediata pela sobrevivência; em seus sonhos, possivelmente fantasiavam sobre os prazeres de um universo menos dinâmico e muito mais tranquilo.²

¹ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 21.

² HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 168.

O trabalho mecanizado substituiu a reflexão e o engenheiro virou a face dessa tecnocracia, em que, segundo a razão subjetiva, tudo poderia ser entendido a partir da exatidão matemática e pela produção interminável que toma a dominação da natureza como fim. Quanto a isso, Adorno ressalta:

As pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência, A aprovação científica converte-se em substituto da reflexão intelectual do factual, de que a ciência deveria se constituir. [...] A ciência como ritual dispensa o pensamento e a liberdade.³

O processo científico histórico das sociedades se disseminou até no pensamento teórico:

Até mesmo aquilo que não se deixa compreender, a indissolubilidade e a irracionalidade, é cercado por teoremas matemáticos. Através da identificação antecipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno do mítico. Ele confunde o pensamento e a matemática. Desse modo, esta se vê por assim dizer solta, transformada na instância absoluta.⁴

Segundo Adorno e Horkheimer, no progresso industrial que levou à mecanização do trabalho, o pensar se tornou reificado, o pressionar de um botão não exige mais um saber abstrato e complexo, nem um plano para o futuro. Há aí uma diferença clara em relação ao ápice do liberalismo, quando o burguês tinha sua própria empresa, e a competição o forçava a estudar para compreender o passado e planejar um caminho pessoal, que posteriormente se estendia para seus filhos, herdeiros do negócio. O provedor se apresentava como um indivíduo forte, social e psicologicamente. Enquanto funcionavam as regras do livre mercado, o indivíduo acreditava que a busca de interesses individuais acabava por auxiliar na prosperidade social total. No entanto, com o estabelecimento das grandes indústrias e monopólios, a garantia de estabilidade do pequeno negócio se dissipou e, sem possibilidade de competir, nada poderiam fazer a não ser se submeter à nova realidade. “A individualidade perdeu sua base econômica”⁵, mas não antes de se tornar a “mônada” social individualista, que, ao perseguir seu próprio interesse, acabou se tornando igual aos demais. Esse novo indivíduo mantém o caráter de autopreservação do liberal, mas suas perspectivas são menores e sua adaptação constante a novos modos de trabalho dispensa a reflexão de várias formas. Seria necessário agora apenas pensar em sua preservação e esse ego encontra proteção nos vínculos com grupos específicos e as mais variadas coletividades.

³ ADORNO, Theodor W. A filosofia e os professores, p.70.

⁴ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 33.

⁵ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 156.

Aqui, o indivíduo efetua sua transição de “ser humano para membro de organizações”⁶, nas quais ele se adapta ao imitar o comportamento dos colegas, dos superiores e até mesmo dos subordinados. O conformismo se torna a força de assimilação mais forte em relação ao existente, enquanto o ego atrofiado busca refúgio ao conseguir influência em sua própria corporação. Essa imitação ocorre da mesma forma em que a criança, em sua primeira infância, imita o comportamento dos mais velhos e internaliza a autoridade do pai.⁷ Esses mecanismos psicológicos, juntos do desenvolvimento tecnológico, dissiparam a reflexão crítica, a ponto de distorcer conceitos filosóficos de longa data. Sobre isso, Horkheimer afirma:

A ideia de felicidade também foi reduzida a uma banalidade a fim de coincidir com o tipo de vida normal que o pensamento religioso sério frequentemente criticou. A própria ideia da verdade foi reduzida ao propósito de uma ferramenta útil no controle da natureza, e a realização das infinitas potencialidades inerentes ao homem foi relegada ao estatuto de luxo. O pensamento que não serve aos interesses de qualquer grupo estabelecido ou que não é pertinente aos negócios de qualquer indústria não tem lugar, é considerado vão ou supérfluo. Paradoxalmente, uma sociedade que, diante da fome em extensas áreas do mundo, permite que grande parte do seu maquinário permaneça ocioso, que engaveta muitas invenções importantes e que dedica inumeráveis horas de trabalho à publicidade idiota e à produção de instrumentos de destruição – uma sociedade à qual esses luxos são inerentes fez da utilidade seu evangelho.⁸

Esse homem moderno utilitarista, nesse novo modo de trabalho, reproduz a função da máquina que ele mesmo cria, para que ela eventualmente o substitua.⁹ O homem se torna automatizado, mas não apenas pelas mudanças econômicas e adaptações que se dão como necessárias. Justamente é necessário analisar como o homem é criado para aceitar a realidade da forma que se encontra. Para isso, foram criados diversos mecanismos ideológicos, culturais, sociais e educacionais que dispunham da força para submeter o homem à realidade, de forma que qualquer pessoa, que tentasse ir contra o movimento reinante, se encontraria rapidamente em declínio, primeiramente econômico e, em seguida, social. O comportamento geral deve ser inculcado no indivíduo como o único racional, e com a ciência pragmática apoiando a totalidade, as agências da produção foram bem sucedidas em estabelecer esse estado de conformidade.

⁶ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 157.

⁷ O mecanismo mimético do indivíduo nesse ponto é de grande importância, mas será tratado mais detalhadamente no segundo capítulo.

⁸ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 158.

⁹ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 33.

No empobrecimento do pensar que afeta a sociedade como um todo, a herança do liberalismo burguês perdeu todo seu aspecto prático e se tornou completamente ideológica. As pessoas não só aceitam, mas defendem a ideia de livre mercado apenas porque acreditam serem “expressões de desejos meramente subjetivos”, ou porque simplesmente a maioria aceita, então seria necessariamente verdade. A complexa filosofia que havia por trás desse pensamento e era coerente com a realidade existente foi abandonada, e a troca da verdade pelo senso comum teve um impacto poderoso no sistema político, que ao mesmo tempo gera a falta de reflexão, enquanto é alimentado por ela. Assim como seu próprio instrumento de manipulação, a indústria cultural é criada pelo desenvolvimento técnico e mecanização e vende a ideia de que o todo deve ser da mesma forma:

Quanto mais o julgamento das pessoas é manipulado por todos os tipos de interesses, mais a maioria é apresentada como a árbitra na vida cultural. Ela deve justificar os substitutos da cultura em todos os seus ramos, até os produtos da arte e da literatura populares que iludem as massas. Quanto mais a propaganda científica faz da opinião pública uma mera ferramenta de forças obscuras, mais a opinião pública aparece como substituta da razão. Esse triunfo ilusório do progresso democrático consome a substância intelectual da qual a democracia tem vivido.¹⁰

O sistema é moldado segundo a razão formalizada, e sua intenção é tornar tudo a sua imagem e semelhança. Com a verdade fora do caminho, e a razão subjetiva obtendo toda a voz da indústria cultural, qualquer sistema pode ser justificável; “nenhuma agência racional endossaria um veredito contra uma ditadura se seus apoiadores pudessem lucrar com ela”.¹¹

A indústria cultural aqui tem um grande impacto. Seu trabalho é fornecer uma pseudocultura que inculca a adaptação e imitação nas pessoas. Entre suas produções pobres e de natureza propagandística, de nada importam suas diferenças qualitativas, pois todas oferecem a mesma coisa. O princípio de identidade com um real, que foi reproduzido nessa arte com a maior precisão técnica, é a única coisa a ser passada. Ao imitar a vida mais perfeita quanto possível, ela consegue fazer os homens internalizarem traços necessários para a propagação do sistema de adaptação. Quanto menos espaço para reflexão houver, mais bem sucedido o filme será. Por isso são utilizados fatores de referências à cultura geral, para que a atenção dirigida “tenha lugar automaticamente”. Hoje em dia é fácil se tornar um *outsider* por não se ver uma série, ou pior, por se ter

¹⁰ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 39.

¹¹ *Ibid.*, p. 40.

visto e não entendido algum fator peculiar que apenas os “apreciadores” mais assíduos percebem. Isso, não porque estes têm uma percepção maior e mais desenvolvida, mas porque foram adestrados a ponto de perceber nos mínimos detalhes qualquer informação particular que a televisão queira passar. Essa relação da indústria cultural com o sistema econômico e político é um casamento tão feliz, que muitos defendem sua mensagem mais do que o próprio produtor dessa semicultura, justamente pela completa efetuação de seu conteúdo – a confusão de que o que é oferecido é o que deve ser aceito, é bom, e é realmente cultura. Sobre isso, Adorno e Horkheimer afirmam:

Sob o monopólio privado da cultura “a tirania deixa o corpo livre e vai direto a alma. [...]”. Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído da atividade industrial, ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Eles têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que os escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle.¹²

Aqui é necessário notar o duplo trabalho da indústria cultural. Ela se coloca ao mesmo tempo como uma instância de diversão, para que os trabalhadores tirem sua mente do campo do trabalho, assim descansando e sendo mais eficientes no trabalho do dia seguinte, mas também como a reprodução de um sistema mecanizado de padrões, que imitam o trabalho da fábrica ou do escritório. O trabalhador consumidor passa seu tempo livre adaptando-se ao processo de trabalho, com uma diversão que é vendida exatamente como tempo livre. Nada se pode pensar, pois pensar é exaustivo, portanto aquilo que se mostra pronto, mas não tem conteúdo nenhum, é a diversão por excelência na sociedade. “*Fun* é um banho medicinal, que a indústria do prazer prescreve incessantemente. O riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade”¹³, explicitam Adorno e Horkheimer, ao afirmarem que a diversão substituiu a felicidade real. Toda essa falsa diversão, tempo livre que é continuação do trabalho, é produto de um desenvolvimento técnico que foca mais na propaganda de propagação do *status quo*, do que a utilização dessas técnicas e gastos para acabar com a miséria. Em termos mais

¹² ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 110.

¹³ Ibid., p. 116.

técnicos, Adorno explicita a forma que a televisão age na consciência no texto “Televisão e formação”:

Em primeiro lugar, compreendo “televisão como ideologia” simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de inculcar nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problemáticamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. Além disto, contudo, existe ainda um caráter ideológico formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fartura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade.¹⁴

Outro aspecto da indústria cultural é sua propagação de uma ideologia, que quanto mais se faz presente, mais vazia se torna: a ideia de que todos podem “chegar lá”, alcançar seus objetivos, fazer sucesso. A exceção é utilizada como regra, o pobre pode ter seu talento “descoberto” e se tornar famoso da noite para o dia, a dona de casa pode eventualmente ter seu programa de culinária. O acaso do sucesso é planejado, exatamente no sentido de vender não só os produtos da indústria, mas a ideia de que na igualdade, qualquer um pode alcançar seus sonhos, que, por sua vez, são fornecidos pela própria indústria. A população já sabe disso, mas nem por isso deixa de aceitá-la. A palavra que não serve para um fim específico é vista com desconfiança, e por causa por impaciência gerada pelas propagandas, logo querem saber o que se está vendendo.¹⁵

A sensação de bem-estar trazida pela integração no sistema geral da indústria cultural é mantida pelas próprias pessoas que são manipuladas. Enquanto consomem, acreditam estar ganhando o que na verdade apenas os dominadores ganham. A partir da junção em associações, religiões e grupos variados, ninguém mais precisa se responsabilizar pelo que pensa.¹⁶ Elas precisam contribuir para o grupo em troca “apenas” de sua individualidade. No entanto, qualquer insatisfação não cai na conta do grupo, mas são designados “filósofos domésticos de bom coração, que intervêm bondosamente junto a cada pessoa para transformar a miséria perpetuada socialmente em casos individuais curáveis”¹⁷. Por isso, quem não é integrado é mal visto, seja por

¹⁴ ADORNO, Theodor W. Televisão e formação, p. 80.

¹⁵ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 122.

¹⁶ *Ibid.*, p. 123.

¹⁷ *Ibid.*, p. 124.

escolha, seja pela exclusão. O pobre é um *outsider*, e o sistema que o excluiu coloca a culpa nos ombros do próprio indivíduo, que se mostrou inútil. “No liberalismo, o pobre era tido como preguiçoso, hoje ele é automaticamente suspeito”.¹⁸ Mas o “papel” do pobre não se encerra aqui; enquanto ele é transformado no suspeito principal da sociedade atual, por outro lado ele ainda propaga a ideologia que a semicultura lhe fornece, contribuindo para manter aquilo que o oprime:

Agora que uma parte mínima do tempo de trabalho à disposição dos donos da sociedade é suficiente para assegurar a subsistência daqueles que ainda se fazem necessários para o manejo das máquinas, o resto supérfluo, a massa imensa da população, é adestrado como uma guarda suplementar do sistema, a serviço de seus planos grandiosos para o presente e o futuro.¹⁹

A integração total dos indivíduos pela indústria cultural tem efeitos devastadores no psicológico das pessoas. A ideologia inculcada nelas é a de que a vida é boa e vale a pena justamente porque é tão dura. “O *pathos* da frieza de ânimo justifica o mundo que a torna necessária”.²⁰ Todos, para serem felizes, devem desistir da felicidade real, e identificar a pseudofelicidade com o poder que os domina. A coletivização some com qualquer traço de individualidade das pessoas e o que é tido como personalidade não passa de falsa autenticidade de estilo que elas acreditam possuir, mas que foi completamente copiado da mensagem da indústria.

Concluo este capítulo com a justificativa de porque então, com base nas exposições anteriores, é possível generalizar uma análise da atualidade, segundo a teoria crítica:

A pseudoindividualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade.²¹

¹⁸ Ibid., p. 124.

¹⁹ Ibid., p. 43.

²⁰ Ibid., p. 125.

²¹ Ibid., p. 128.

2 – A recaída na barbárie, o autoritarismo e a falta de razão

Traçado o caminho da dominação até o ponto da sociedade de massas, podemos analisar o signo da autoridade: como é possível explicar a ascensão do nazismo a partir da coletivização e falta de reflexão, com base nas leituras dos textos “Elementos do antissemitismo” e “Autoridade e família”. Algumas relações com a atualidade também serão mencionadas aqui, mas tratadas mais profundamente no capítulo 3.

Os efeitos da razão pragmática e da sociedade mecanizada tiveram seu ápice de brutalidade na Europa com os eventos da Segunda Guerra Mundial. Como mencionado antes, uma vez que a razão é subjetivada, não há fundamentos racionais para discernir o certo do errado, contanto que haja um lucro por trás. Nesse sentido, é possível entender porque algumas agências do poder apoiariam uma ditadura, mas o que ocorre com as massas se dá em outro nível – foram levados a acreditar em qualquer tipo de autoridade pelo processo de aceitação da realidade e conformidade com o poder que as dominam:

Antes de os alemães aprenderem a viver sem independência política, eles aprenderam a encarar as formas de governo como apenas outro padrão ao qual deveriam adaptar-se, da mesma forma como haviam adaptado suas reações à máquina na fábrica ou às normas da estrada. Como dito antes, a necessidade de ajustamento por certo existiu também no passado; a diferença está no *tempo* da conformidade, no grau em que essa atitude permeou todo o ser das pessoas e alterou a natureza da liberdade conquistada. Acima de tudo, está no fato de que a humanidade moderna capitula a esse processo não como uma criança que tem uma confiança natural na autoridade, mas como um adulto que abre mão da individualidade já adquirida. A vitória da civilização é demasiado completa para ser verdadeira. Logo, ajustar-se, em nossa época, envolve um elemento de ressentimento e fúria suprimida.²²

Justamente, é necessário notar aqui que o homem não é tido como mau individualmente, mas o processo civilizatório o mutila a ponto de concordar com o horror da realidade. O ego enfraquecido só o é por causa das relações sociais inter-humanas, o ódio não é, nesse sentido, inato.²³ A cultura convertida em mercadoria, que não necessita de nenhuma reflexão, apenas recepção, faz cessar imediatamente o exercício do pensamento. A organização da vida, a velocidade com que as pessoas devem realizar suas tarefas e se adaptarem, imobiliza a retirada de consequências causais. O conhecimento é reduzido ao saber de informações técnicas para a produção. A coletivização em todos os aspectos sociais limita o homem à sua menoridade, em

²² HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 113.

²³ *Ibid.*, p. 122.

termos kantianos. O indivíduo não precisa pensar enquanto o grupo o fizer por ele, e assim se torna um sujeito atrofiado. Ele perde o sentimento de culpa, pois sua consciência moral se torna também coletivizada.²⁴ A liberdade de escolha num sistema democrático de nada vale numa sociedade em que as pessoas perderam sua individualidade.²⁵

O ego foi atrofiado e o indivíduo foi integrado. Ele aprendeu desde o início de sua vida que o poder é o que importa, é o único meio de ser feliz, independentemente de sua aplicação. Por respeitar e desejar o poder, ele emula quem tem sua posse. “O ego em cada sujeito tornou-se a encarnação do líder”.²⁶ Esse sujeito diminuído, submisso e ao mesmo tempo autoritário, logo percebe a distância entre a ideologia que lhe foi oferecida e a realidade em que vive. Acredita no acaso e no sucesso a partir do mérito, no entanto continua na miséria. Isso gera um ressentimento e um ódio contra a própria realidade, em vez de contra as instâncias que geraram essa ideologia para o controle da sociedade; um ódio que pode, assim como todos os outros aspectos de sua vida, ser manipulado pelos dirigentes do sistema. Na Alemanha, os judeus trabalhavam na esfera da circulação e, como vendedores, representavam em carne e osso a contradição da ideologia com a realidade. Os trabalhadores recebiam pouco, e “com seu salário, eles aceitaram ao mesmo tempo o princípio da expropriação do salário”.²⁷ Eles achavam o salário justo, pois foi resultado de um livre contrato, que os próprios colegas de sua classe social aceitavam também, mas só percebiam algo de errado quando esse salário não era suficiente para manter sua família. A culpa então foi direcionada aos judeus: na cabeça do trabalhador, eram eles os rapinadores, não o patrão, o homem que respeitam devido a sua posição de poder. O ressentimento em relação ao judeu se intensifica, visto que seu exercício é o da troca. Na sociedade mecanizada, “eficiência, produtividade e planificação inteligente são proclamados os deuses do homem moderno; os chamados grupos ‘improdutivos’ e o capital ‘predatório’ são rotulados como inimigos da sociedade”.²⁸ Nesse sentido, tanto o judeu quanto o intelectual são mal vistos, para eles não é necessário o esforço físico, conseguem efetuar o desenvolvimento econômico e espiritual individual, enquanto essas mesmas coisas são negadas ao resto da população,

²⁴ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 163.

²⁵ Para tomar como exemplo: no Brasil, o coronelismo pôde ser abandonado na sociedade administrada democrática, pois a ameaça física se torna redundante perto da enorme pressão psicológica do poder da maioria.

²⁶ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 120.

²⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 144.

²⁸ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 167.

que perpetua a própria miséria na identificação com o poder que lhes negou esse desenvolvimento.²⁹ Então, a revolta da natureza reprimida pelo progresso civilizatório se dá contra aqueles supostos grupos “improdutivos”. Enquanto acham que estão destruindo o que lhes causou o mal, na verdade se tornam agências de propagação da mesma situação, sob um guia de autoridade:

Os demagogos modernos comportam-se geralmente como garotos malcriados [...]. Seu efeito sobre a audiência parece dever-se em parte ao fato de que, ao representarem impulsos reprimidos, eles parecem ir contra a civilização promovendo a revolta da natureza. [...] Sua finalidade permanente é a de incitar a natureza a juntar-se às forças da repressão, pelas quais a própria natureza deve ser esmagada.³⁰

As massas se submetem facilmente à autoridade e efetuam seu trabalho de repressão porque encontram ali um modo expressar o que lhes foi negado na civilização, a saber, a possibilidade de expressão de suas pulsões internas reprimidas.³¹ Enquanto alguns resistem a esses impulsos miméticos, a maioria não consegue se não ceder ao autoritarismo, porque não tem a reflexão crítica internalizada tanto quanto internalizaram sua aceitação do poder. “Nem os governantes escaparam dos efeitos mutilantes pelos quais a humanidade paga por seu triunfo tecnocrático”.³² Como dito antes, não é possível apelar para uma dignidade interna, primeiramente porque sua identificação com a instância repressora não é racional, e em segundo momento, porque gera na pessoa a desconfiança de estar sendo manipulada, ou de que algo está sendo vendido como propaganda. Horkheimer afirma: “eles lutam contra a natureza fora deles, em vez de dentro deles. O superego, impotente em seu próprio lar, torna-se o carrasco na sociedade. Esses indivíduos obtêm a gratificação de sentirem-se campeões da civilização, ao mesmo tempo que liberam seus desejos reprimidos”.³³

Assim que o líder escolhido lhes dá a permissão para agirem em seus impulsos reprimidos, a barbárie começa. O escárnio ao diferente, à causa da miséria segundo o líder autoritário, logo se torna destruição. O ódio é representado na imitação caricatural do objeto a ser exterminado. No texto “Elementos do antissemitismo”, Adorno e Horkheimer afirmam que a execução da barbárie ultrapassa o mal que o fascista projetou como ação da própria vítima:

²⁹ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 143.

³⁰ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 133.

³¹ *Ibid.*, p. 130.

³² *Ibid.*, p. 133.

³³ *Ibid.*, p. 135.

E quando todo horror dos tempos primitivos abolidos pela civilização é reabilitado como um interesse racional pela projeção sobre os judeus, não há mais como parar. Ele pode, agora, ser posto em prática, e a realização do mal ainda supera o conteúdo maligno da projeção. As fantasias racistas sobre os crimes dos judeus, sobre os infanticídios e excessos sádicos, sobre o envenenamento do povo e a conspiração internacional, definem exatamente o desejo onírico do antissemita e ficam aquém de sua realização.³⁴

O fascista projeta irracionalmente o mal da sociedade em seu objeto e o persegue sem nenhuma reflexão. “A cegueira alcança tudo, porque nada compreende”.³⁵ No nazismo, o objeto era o judeu, mas a vítima é intercambiável, contanto que o líder aponte e forneça uma racionalização razoável, os desejos reprimidos dão conta do resto. Tudo o que há de mal, inclusive internamente e subjetivamente em cada sujeito, é atribuído ao objeto de extermínio, e os autoritários submissos os caçam admitindo legítima defesa.³⁶ Na psicanálise freudiana, é explicado que os impulsos agressivos do id são vistos como uma ameaça ao ego e, portanto, são projetados no mundo exterior devido à pressão do superego. Uma vez externalizado, o ego pode se revoltar contra o mundo que tomou o papel de seus impulsos perversos.

À primeira vista, a autoridade não é tida como algo necessariamente negativo. Emanada de um grupo, ela pode representar os interesses deste de forma real e consciente. Horkheimer afirma em “Autoridade e família”: “durante períodos inteiros, a subordinação era do próprio interesse do subordinado, tanto quanto o é a submissão da criança a uma boa educação. Era ela uma condição do desenvolvimento das faculdades humanas”.³⁷ A autoridade, então, pode ser aceita conscientemente para atuar na defesa dos interesses gerais dos participantes do grupo específico, mas pode também ser apenas a manifestação de ideias que não estão de acordo com as necessidades reais dessa comunidade. Apenas por uma análise específica de um recorte da realidade, é possível dizer a validade da autoridade na época, se ela é progressista ou atrasada, defende os interesses do grupo sem ônus para a sociedade como um todo, ou abandona a maioria em prol da minoria. No decorrer da história, grupos que antes tinham um papel positivo na sociedade, podem se tornar atrasados. Um exemplo é a defesa da família tradicional, que enquanto era uma força positiva na sociedade burguesa, hoje se tornou uma ideia retrógrada e conservadora.

³⁴ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. p. 153.

³⁵ Ibid, p. 142.

³⁶ Ibid. p. 154.

³⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*, p. 193.

É possível traçar aqui uma conexão direta do liberalismo com o fascismo, com base nas condições materiais e psicológicas que aquele criou, que ao mesmo tempo contribuiu para a geração da personalidade autoritária. A ideologia burguesa, que se aplicava à realidade material no auge do liberalismo, perde sua base material com o tempo e se torna vazia, uma repetição do que antes funcionava e agora está cada vez mais distante do real. Quanto mais subjugada estivesse a pessoa real, mais a ideologia reforçava a liberdade espiritual. “Então, quando a contradição entre interior e exterior aflorava à consciência com demasiado incômodo, existia a possibilidade de reconciliá-la, harmonizando o próprio íntimo com a realidade, em vez de sujeitar a dura realidade à vontade”.³⁸

O que era o estado geral da sociedade burguesa no período liberal, continua para algumas classes selecionadas da atualidade, como o pequeno empresário e os profissionais liberais. Mas estes ainda acreditam e propagam as ideias passadas pelos grandes trustes industriais, e veem como inimigas as forças naturais e as pessoas de sua mesma classe com quem têm que concorrer diretamente; já os grandes são exemplos do sucesso que eles mesmos não podem ter, sem perceberem que essa barreira é levantada pelos mesmos que eles idolatram.³⁹ Assim os detentores do poder deixam de ser divinizados como antigamente, mas são vistos como os gênios que levantaram sua fortuna em um mundo em que é quase impossível “vencer na vida”, legitimando sua autoridade a partir de seu ganho material.

Claro, a autoridade existe muito antes do próprio liberalismo, uma autoridade que se dava pela violência física, e que foi internalizada pela sociedade em geral ao longo dos anos. Mas, no capitalismo tardio, a necessidade de se adaptar e subordinar, devido a uma realidade que não oferece mais opções, abriu espaço para o crescimento de personalidades autoritárias, porque o mecanismo criado depende da autoridade e sua marca na existência no interior do indivíduo:

A maioria dos homens sempre trabalhou sob a direção e o comando da minoria, e esta dependência sempre se expressou numa piora da existência material. Já dissemos acima que não era apenas a coação imediata que mantinha essas ordens, mas os próprios homens aprenderam a acatá-las.⁴⁰

³⁸ Ibid., p. 196.

³⁹ Ibid., p. 201.

⁴⁰ Ibid., p. 184.

A teoria liberal demonstrou sua completa falta de empatia na Inglaterra nos anos 30 do século XIX, pela maneira em que os pobres eram tratados e colocados nas minas e manufaturas.⁴¹ A ideia de livre contrato, como mencionado antes, coloca os homens de mesma classe uns contra os outros, se veem como concorrentes. Mesmo que isso seja uma condição criada socialmente, ela é vista como necessária, parte de uma realidade imutável, e assim o trabalhador se sujeita a essas condições. Os ideais da liberdade e igualdade só tiveram conexão com a realidade em um período muito breve para um grupo específico de pessoas. Mesmo assim essa liberdade era limitada, a pessoa que deve se submeter à autoridade não está realmente livre apenas porque segue esses ideais do livre contrato. Ela apenas cria a aparência de justificativa de autoridade do empresário, que em sua genialidade e habilidade “estava destinado a ser dirigente da produção”.⁴² A servidão se manteve, não como na Idade Média, em que a autoridade derivava do nome, da divindade, e havia uma conexão racional para submissão, mas simplesmente devido à sujeição às circunstâncias da realidade. “A sentença cega da economia, esta instância social mais poderosa, que condena a maior parte da humanidade à miséria absurda e faz sufocarem inúmeras vocações, é aceita como inevitável e reconhecida objetivamente nos atos dos homens”.⁴³ A injustiça gerada pela falsa necessidade já condena essa parte da população antes de qualquer crime, não só economicamente, mas nos pensamentos do resto das pessoas. Evidenciada pela existência de classes sociais, todas as relações sociais são baseadas na dependência a algo ou alguém. A autoridade da realidade não está na sua justificação, mas na sua aparente necessidade. Por isso a dificuldade de conscientização das massas.

Outro âmbito em que a autoridade se encontra, e onde os indivíduos têm seu primeiro contato com ela, é a família. Seu papel educacional é o de reproduzir os comportamentos humanos aceitos na sociedade. Consequentemente, ela introduz na pessoa a adaptação necessária pra sobrevivência na ordem atual. A criança, desde pequena, aprende que para o sucesso, deve sujeitar-se e subordinar-se. Isso se inicia com sua relação com o pai, que no mundo burguês, adquire sua autoridade a partir da força física e como provedor econômico da família. Ao respeitar o pai, ela aprende que na sociedade também há uma relação hierárquica a ser respeitada, vista como eterna e imutável, portanto, ela cede à autoridade já admitindo o existente enquanto tal. O pai,

⁴¹ Ibid., p.203.

⁴² Ibid., p.206.

⁴³ Ibid., p.210.

enquanto reflexo da sociedade, passando o que aprendeu com a vida para os filhos, se torna uma força educativa que pode ser tanto contrária a mudanças quanto preparatória. Mas no momento, com as crises sociais, a família executa seu papel de forma precária, ela se mostra apenas como reprodução e manutenção do sistema, ainda mais quando a estrutura de autoridade é tão forte que perdura mesmo após a perda de sua base material.⁴⁴ Os ideais burgueses como mérito e justiça ainda são passados na família, e os filhos os absorveram, mas logo percebem que, na realidade, por esse mesmo discurso do pai, o que conta para o sucesso é o dinheiro e a posição social.⁴⁵ A autoridade é reproduzida no seio da família independentemente da posição social desta, porque a figura do pai, por mais submissa que seja em seu emprego, chega em sua casa como senhor e exige de sua família a obediência. As relações sociais e a ideologia burguesa são reproduzidas em casa e propagam o sistema geral, criando gerações de pessoas autoritárias:

Para a formação do caráter autoritário é especialmente decisivo que as crianças sob a pressão do pai aprendam a não atribuir cada insucesso a suas causas sociais, mas a deter-se nas razões individuais e a hipostasiar estas, ou religiosamente como culpa, ou naturalisticamente como falta de vocação.⁴⁶

Quando ocorrem os primeiros contatos com a realidade, a ideologia de internalização da culpa se dá pela superficialidade da educação oferecida dentro da família. Hoje, isso acontece, em primeiro lugar, pela aceitação da autoridade pai, que por sua vez é uma reprodução da sociedade; em segundo lugar, por tomar as aparências como essências, o mutável e social como eterno e transcendente, nunca atingindo as causas reais dos problemas pessoais e sociais. Nessa figura do pai na sociedade burguesa, quanto mais pressão é exercida sobre ele no mundo do trabalho, mais ele expressa essa mesma pressão com os filhos. O resultado é o aumento da crueldade e a tendência à submissão.⁴⁷ No entanto, isso contribui para o sistema de dominação, assim, é possível entender os movimentos criados para a manutenção da família:

Todos os movimentos políticos, morais e religiosos consequentes, cuja finalidade era o fortalecimento e renovação desta unidade, não tinham dúvidas sobre a função fundamental da família como produtora de mentalidade autoritária, e consideraram um dever o fortalecimento da família com todos os seus pressupostos como a proibição de relações sexuais

⁴⁴ Ibid., p. 232.

⁴⁵ Ibid., p. 220.

⁴⁶ Ibid., p. 222.

⁴⁷ Ibid., p. 222.

extramatrimoniais, a propaganda de concepção e criação de filhos, a restrição da mulher ao governo da casa.⁴⁸

O indivíduo submisso se forma então no momento em que ele não é capaz de interiorizar sua relação com a família de modo saudável. É criado um ressentimento que ao mesmo tempo é a internalização de toda culpa e repressão dos impulsos, principalmente o impulso de morte que é intensificado na relação de autoridade do pai. Esse indivíduo vive da mimesis, o ressentimento o faz imitar a autoridade, tanto do pai quanto do chefe, e ao mesmo tempo ser submisso. Por aceitar sua própria incapacidade de realizar uma mudança no real, ele adapta seu Ego ao real em vez de tentar positivamente mudar o real. Em seu trabalho mecanizado e sua diversão irrefletida, na perda do seu ego no coletivo, rapidamente este indivíduo aceita a voz da maioria em apoio a um autoritarismo. Horkheimer afirma que “os maneirismos de um indivíduo são fruto menos da educação racional do que de vestígios atávicos devidos à tradição mimética”.⁴⁹ Por isso, tanto ele quanto Adorno verificaram que os camponeses, donas de casa, comerciantes e boa parte da classe média foram ao apoio do nazismo, e sem eles é possível que Hitler nunca chegaria ao poder. Eles são a representação da natureza reprimida, “vítimas da razão instrumentalizada”.⁵⁰ Horkheimer define o indivíduo autoritário, no prefácio do livro “The Authoritarian Personality”, da seguinte forma:

[...] é o surgimento de uma nova espécie “antropológica” que chamamos de homem do tipo autoritário[...]. Ele parece combinar as ideias e habilidades típicas de uma sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais. Ele é ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, orgulhoso de ser um individualista, mas em medo constante de não ser como os outros, tem ciúmes de sua independência e está inclinado a se submeter cegamente ao poder e à autoridade.⁵¹

As massas são supersticiosas e tecnocratas ao mesmo tempo. Para não cair em contradição, aceitam teorias pseudocientíficas como “teosofia, numerologia, medicina natural, euritmia, doutrinas pregando abstinência, ioga”⁵² e o vasto número de coletivos nos quais uma pessoa pode afiliar-se. Estas teorias se dão como a representação da paranoia das massas em face da falta dos mecanismos de reflexão que lhes permitem tomar consciência do real. A própria religião que tinha seu papel de resistência no apoio psicológico dos indivíduos foi reificada; a razão objetiva e sua mensagem principal

⁴⁸ Ibid., p. 224.

⁴⁹ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 128.

⁵⁰ Ibid. p.129.

⁵¹ ADORNO, Theodor W; BRUNSWIK Else F.; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950, p. IX.

⁵² ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, p. 161.

foram perdidas e, conforme acentuam Adorno e Horkheimer em respeito à Alemanha, o que sobrou do cristianismo foi o ódio aos judeus. A religião “continua a nutrir tão somente o ódio pelos que não partilham a fé. Entre os cristãos alemães, a única coisa que sobrou da religião do amor foi o antissemitismo”.⁵³

Podemos concluir esse capítulo afirmando que, como expresso no texto “Quand même”, o terror e a civilização são inseparáveis, assim como o liberalismo e o fascismo. O pai, o professor, o chefe, são símbolos da autoridade que devem ser aceitas, numa realidade que exige submissão para prosperar sem mudanças reais. “Foi sobre o signo do carrasco que se realizou a evolução da cultura”.⁵⁴ O medo segura a civilização, até se tornar causa de sua dissolução. O apoio e ascensão do nazismo deriva desse mecanismo. Quanto mais o progresso civilizatório e tecnológico foi se cumprindo, mais frias e apáticas as pessoas se tornaram. Na tentativa de autopreservação do eu, se submetem aos coletivos que não suprem sua necessidade de interação social, e culminam no apoio não reflexivo a governos autoritários. Assim veem no líder a oportunidade de atuarem seus impulsos que foram justamente reprimidos por se submeterem à civilização. A situação material, cultural e psicológica dos indivíduos hoje abre caminho para a barbárie. Adorno afirma que “a necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. Este é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação”.⁵⁵ É possível verificar que as pessoas não aprenderam com a história, e previsivelmente, estão dispostas a repetir o horror:

Na Alemanha, o fascismo venceu sob uma ideologia crassamente xenófoba, anticultural e coletivista. Agora que ele está devastando a terra, os povos têm que lutar contra ele, não há saída. Mas quando tudo houver acabado, não é preciso que o espírito da liberdade se difunda sobre a Europa, suas nações podem se tornar tão xenófobas, hostis à cultura e pseudocoletivistas como era o fascismo do qual tiveram que se defender. Mesmo a sua derrota não irrompe necessariamente o movimento da avalanche.⁵⁶

⁵³ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 146.

⁵⁴ Ibid. p. 179.

⁵⁵ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 43.

⁵⁶ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. p. 182.

3 – Situação atual do Brasil, a repetição da história.

Atualmente no Brasil, quase todos os fatores que levaram ao nazismo na Alemanha estão presentes. O texto “O que significa elaborar o passado”, de Adorno, demonstra como a barbárie pode ocorrer novamente, mesmo que tenha sido repudiada e os motivos de sua realização tenham sido claros. Nesse texto, o autor faz a análise da Alemanha do pós-guerra, mas é possível vinculá-la à história do Brasil pós-ditadura militar, e no sentido de esquecimento dos fatos como o próprio nazismo.

No processo forçado de esquecer o passado, nota-se que o próprio ato de esquecer e perdoar, que necessariamente deve vir da vítima – seja dos campos de concentração, seja dos porões do DOPS – acaba saindo e sendo pregado pelas pessoas que cometeram a injustiça ou apoiaram os movimentos que efetuaram o horror. As justificativas para isso são variadas, mas se relacionam diretamente com o que foi mencionado no capítulo anterior, propriamente, ao dizerem que as vítimas foram os autores da própria desgraça. Quando projetaram a injustiça da sociedade e seus próprios impulsos em um grupo específico, os fascistas tentam justificar posteriormente que aquilo era necessário. “O deslumbramento se impõe por sobre o equívoco gritante existente na relação entre uma culpa altamente fictícia e um castigo altamente real”.⁵⁷ Tentam justificar a repressão que caía – e cai até hoje – sobre manifestações contra a própria repressão e autoritarismo. Colocam a culpa da vitória do fascismo até nos que supostamente teriam dado lugar para ele crescer, em vez de em quem realmente o apoiou.

As nações, então, até hoje flertam com o fascismo e o autoritarismo. Isso se dá porque as condições que tornaram favoráveis sua ascensão nos países foram reestabelecidas e mantidas depois da desgraça, em vez de uma reestruturação geral do estado social. Na guerra fria, o liberalismo voltou com força total, como era esperado após cada crise do capitalismo. Mas seu modelo gera esse ambiente que reproduz o horror:

[...] a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. Quando a humanidade se aliena

⁵⁷ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 31.

da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento.⁵⁸

Os fatores psicológicos que levam à submissão e aceitação do autoritarismo ainda devem ser levados em conta aqui, junto do próprio mecanismo natural de esquecimento de memórias desagradáveis, mas o esquecimento hoje é mais consciente do que resultado dos processos inconscientes, uma vez aceito e racionalizado o sistema da “troca justa”⁵⁹:

Por certo as motivações e os comportamentos assumidos não são diretamente racionais, na medida em que deturpam os fatos a que se referem. Porém eles são racionais no sentido em que se apoiam em tendências sociais, e que quem reage deste modo se sabe identificado ao espírito da época. O progresso individual de quem reage nesses termos é favorecido de imediato. Quem não se ocupa com pensamentos inúteis não joga areia na engrenagem.⁶⁰

Outro fator intensificador do apoio ao autoritarismo é a relação das pessoas com a própria democracia. Ela não é vista como expressão de sua liberdade de escolha, mas como um sistema entre outros. Nisso se retira que as escolhas de suas lideranças não estejam conectadas com uma reflexão consciente acerca da realidade, mas com a concordância com a escolha da maioria, ou de seus interesses pessoais. Podemos verificar no Brasil o que Adorno diz acerca da Alemanha, que “a própria falta de emancipação é convertida em ideologia”, quando se afirma que as pessoas ainda “não estão maduras para a democracia”.⁶¹ Em países onde a escolha é um fardo, a falta de escolha parece libertadora, e a única escapatória seria um governo autoritário; no caso do Brasil, um exemplo disso é quando as pessoas se manifestam a favor de uma ditadura militar. Algumas vezes, elas até se veem como parte do processo político, mas encontram barreiras para uma mudança real. Desse modo, como a ideologia burguesa as treinou, elas subjetivam a impotência, em vez de refletir sobre a realidade como processo social. Esse sentimento geral é fértil para a instauração de ditaduras:

[...]as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente. É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e – por assim dizer – de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelavam.⁶²

A situação dos trabalhadores hoje é visivelmente melhor em relação à Inglaterra no início do século XIX. Mas na formação de sindicatos para atuação positiva

⁵⁸ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 33.

⁵⁹ Ibid. p. 34.

⁶⁰ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 34.

⁶¹ Ibid. p. 35.

⁶² ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 123.

no sistema, os trabalhadores foram incorporados no mecanismo coletivista, tornando-se cada vez mais parecidos com o que inicialmente lutavam contra. Esses trabalhadores estão mais bem informados acerca da política nacional, dos partidos e das propagandas, mas isso não os deixa imunes à adesão ao autoritarismo, principalmente em momentos de crise. Podemos relacionar o que Horkheimer afirma no *Eclipse da razão* com o que está sendo chamado de “antipetismo” no Brasil:

Os trabalhadores, pelo menos aqueles que não passaram pelo inferno do fascismo, irão aderir a qualquer perseguição a um capitalista ou político que se tenha destacado por haver violado as regras do jogo; mas eles não questionam as regras em si. Aprenderam a tomar a injustiça social – mesmo a desigualdade dentro do seu próprio grupo – como um fato poderoso e a tomar os fatos poderosos como as únicas coisas a serem respeitadas. Suas mentes estão fechadas para sonhos de um mundo fundamentalmente diferente e para conceitos que, em vez de serem meras classificações de fatos, sejam orientados na direção da efetivação real desses sonhos. As condições econômicas modernas conduzem tanto os membros quanto os líderes dos sindicatos laborais a uma atitude positivista, de forma que se assemelham um ao outro cada vez mais.⁶³

No Brasil, com a crise econômica, escândalos de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores – que defendia causas de esquerda – e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva preso, observam-se na população estouros de ódio e constantes expressões fascistas, geradas pelo clima geral e intensificadas pela propaganda de uma direita liberal economicamente, mas conservadora nos costumes. Realmente, aqui o fascismo mostra sua face, como dito anteriormente⁶⁴, apoiado na xenofobia, racismo, perseguição a minorias e promete como prioridade acabar com a crise, culpando por todos os problemas do país os grupos de esquerda. Houve uma polarização completa, impõe-se a mentalidade do *ticket* – ou seja, a identificação do indivíduo com blocos e ideologias antagônicas que geram a apatia entre as pessoas, uma vez que a suposta liberdade de escolhas entre esses lados já é predeterminada⁶⁵: ou você se submete ao autoritarismo, ou é “comunista” e é parte do problema. Não existe a possibilidade do pensamento crítico, e não se dão ouvidos aos especialistas intelectuais, pois sua crítica é taxada de “ideologia de esquerda”. Tudo isso é reflexo da ideologia liberal, positivista, que encontra cada vez mais apoiadores nesse momento em que a esquerda cometeu erros e não representa mais a esperança de um país melhor:

Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo. Na medida

⁶³ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 166.

⁶⁴ Cf. citação *Dialética do esclarecimento*, p. 128.

⁶⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, p. 168.

em que o pensamento deixa de representar uma peça do equipamento profissional, sob uma forma altamente especializada em diversos setores da divisão do trabalho, ele se torna suspeito como um objeto de luxo fora de moda: “*armchair thinking*”. É preciso produzir alguma coisa. Quanto mais a evolução da técnica tona supérfluo o trabalho físico, tanto mais fervorosamente este é transformado no modelo do trabalho espiritual, que é preciso impedir, no entanto, de tirar as consequências disso. Eis aí o segredo do embrutecimento que favorece o antissemitismo. Se, no interior da própria lógica, o conceito cai sobre o particular como algo de puramente exterior, com muito mais razão, na sociedade, tudo o que representa a diferença tem de tremer. As etiquetas são coladas: eu se é amigo, ou inimigo. A falta de consideração pelo sujeito torna as coisas fáceis para a administração. Transferem-se grupos étnicos para outras latitudes, enviam-se indivíduos rotulados de judeus para as câmaras de gás.⁶⁶

Justamente, quando o partido que valorizava as diferenças e lutava pelos direitos das minorias é acusado de causar a crise no país, o ódio contra ele não é limitado aos seus defeitos, mas generalizado, e em pouco tempo a culpa deixou de ser colocada nos políticos particulares que causaram o caos, mas nas minorias que o partido todo tentava defender. Assim se dá o clima autoritário no Brasil: os políticos de direita disseram que a crise não é causada por esquemas gigantescos de corrupção, mas por todo modelo político de esquerda; a população então entende que o problema são os eleitores de viés de esquerda, portanto, o ódio se dissemina e separa a população. Ironicamente, o clima gerado pela propaganda da direita se virou contra ela, pois o ódio direcionado, junto da crise, favoreceu a ascensão de um candidato considerado fascista – Jair Bolsonaro. Na *Dialética do Esclarecimento*, os autores afirmam:

A paranoia não persegue mais seu objetivo com base na história clínica individual do perseguidor; tendo-se tornado um existencial social, ela deve antes se inserir no contexto ofuscador das guerras e das conjunturas, antes que os camaradas da ideologia racista psicologicamente predispostos possam se precipitar, enquanto pacientes, interna e externamente sobre suas vítimas.⁶⁷

Os outros candidatos de preferência da elite de direita e liberal – João Amoedo e Geraldo Alkmin – ficaram muito abaixo do percentual de votos esperado, porque Bolsonaro, como representante da extrema direita, trabalhou com os impulsos reprimidos da população de forma muito mais bem-sucedida. Ele se alimenta do medo da população, relembra a todos constantemente da ameaça física e econômica que sofrem, para convencê-los de que a sua solução – que é imediata e derivada do senso comum,⁶⁸ ou seja, do íntimo reprimido das massas – é a única efetiva. E seu discurso é, notoriamente, efetivo, de forma que ele não precisa nem se justificar, o próprio povo

⁶⁶ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 166.

⁶⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 170.

⁶⁸ Cf. nota 10 p. 11.

realiza esse trabalho. “Toda a literatura política, religiosa e filosófica da época moderna está permeada de elogios à autoridade, à obediência, à abnegação, ao duro cumprimento do dever”.⁶⁹ Isso se expressa em seu ápice no elogio militar, feito inclusive pelo próprio candidato, que afirma ter a obra de Carlos Ustra⁷⁰, *A verdade sufocada*, como livro de cabeceira.⁷¹ Em seu discurso de ódio, Bolsonaro diz abertamente que vai “governar pra maioria” e que “as minorias devem curvar-se às maiorias”⁷², faz comentários machistas, xenofóbicos e homofóbicos constantemente⁷³, é nacionalista, se diz em defesa da família, e incita o ódio à ideologia de esquerda, supostamente justificada pelo “perigo do comunismo”.⁷⁴ Os fatores que levaram ao extermínio dos judeus na Alemanha foram os mesmos:

Assim, é uma espécie de idealismo dinâmico que, de fato, anima o bando organizado dos ladrões assassinos. Eles saem a pilhar e constroem uma ideologia grandiosa para isso, e falam disparatadamente da salvação da família, da pátria, da humanidade.⁷⁵

A massa da população que concordou com a “caça ao Partido dos Trabalhadores” acaba comprando todas as outras ideias do candidato, independentemente de seu conteúdo maléfico. “Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação”.⁷⁶ Não é feita a reflexão dos problemas reais da sociedade, e assim não se diferencia a solução racional eficaz, da barbárie preconceituosa. Um líder autoritário, segundo Adorno e Horkheimer, utiliza desses mecanismos para conseguir o apoio da população, através do discurso da eficiência e de deter os conhecimentos, ou uma equipe de especialistas, capazes de fornecer uma solução para a economia:

O caráter manipulador [...] se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado. A qualquer custo ele procura praticar uma presença, embora delirante, *realpolitik*. Nem por um segundo sequer ele imagina o mundo diferente do que ele é, possesso pela vontade de *doing things*, de fazer coisas, indiferente ao conteúdo de tais

⁶⁹ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*, p. 208.

⁷⁰ Militar que ficou conhecido por ser um torturador do período da ditadura.

⁷¹ Disponível em <https://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/7540801/conheca-livro-cabeceira-jair-bolsonaro-verdade-sufocada> Acesso em 25/10/2018.

⁷² Disponível em <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/> Acesso em 25/10/2018.

⁷³ Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/7-vezes-em-que-gays-e-mulheres-foram-alvo-de-bolsonaro/> Acesso em 25/10/2018.

⁷⁴ Cf. nota 43, e as ideias que Bolsonaro revivifica de Ustra.

⁷⁵ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 142.

⁷⁶ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 166.

ações. Ele faz do ser atuante, da atividade, da chamada *efficiency* enquanto tal, um culto, cujo eco ressoa na propaganda do homem ativo.⁷⁷

É baseado na ideologia liberal e positivista de eficiência e controle de crises que o fascismo cresce. Junto disso, encaixam a política armamentista e nacionalista, rapidamente aceita devido à propaganda fascista do medo; o “cidadão de bem” precisa das armas para se proteger das minorias, dos imigrantes refugiados e da suposta ameaça comunista. “Os instrumentos da dominação destinados a alcançar a todos – a linguagem, as armas e por fim as máquinas – devem se deixar alcançar por todos. É assim que o aspecto da racionalidade se impõe na dominação como um aspecto que é também distinto dela”.⁷⁸ É o mecanismo do sistema para a propagação dele mesmo. O nacionalismo exacerbado é uma das faces do fascismo, ele é utilizado como meio de manipulação pela sua eficácia ao aglomerar apoiadores de mentalidade conservadora, mesmo que os propagadores dessa ideologia sejam descrentes dela mesma.⁷⁹ Esse narcisismo coletivo existe mesmo quando as pessoas têm pouco, pois encontram a satisfação substitutiva na identificação com o todo.⁸⁰ Nesse sentido, o sistema tem sua grande colaboração para o fascismo:

[...] a maioria das pessoas se sente como um desempregado potencial, um destinatário futuro da caridade, e desta forma como sendo um objeto, e não um sujeito da sociedade: este é o motivo muito legítimo e racional de seu mal-estar. É evidente que, no momento oportuno, isto pode ser represado regressivamente e deturpado para renovar a desgraça.⁸¹

Não é de se estranhar, portanto, o que foi notado entre o primeiro e segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Os eleitores da direita neoliberal, em face da derrota, preferem eleger um candidato fascista que propagará a ideologia liberal e tem chance de manter o sistema, independentemente de suas políticas armamentistas e de incitação do ódio, do que votar numa esquerda não extremista. Adorno comenta, no texto “A filosofia e os professores”, que “uma das características da consciência coisificada é manter-se restrita a si mesma, junto a sua própria fraqueza, procurando justificar-se a qualquer custo. É sempre admirável a esperteza de que até os mais obtusos conseguem lançar mão quando se trata de defender malefícios”.⁸² No nazismo, a prioridade declarada era o controle das crises, “um experimento bárbaro de direção

⁷⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 129.

⁷⁸ Ibid. p. 42.

⁷⁹ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 41-42.

⁸⁰ Ibid. p. 40.

⁸¹ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 41.

⁸² ADORNO, Theodor W. A filosofia e os professores, p. 71.

estatal da sociedade industrial”.⁸³ No fundo, até o liberal precisa da confiança num sistema estatal forte para se proteger do caos que ele mesmo causa, como por exemplo nos Estados Unidos em 1929 e 2008, e por isso prefere o fascismo. O que a massa de trabalhadores não movida pelo ódio não compreende ao ceder à política liberal e preferir um candidato extremista é que, uma vez eleito, ele tende a não respeitar mais as regras do jogo democrático e, ao fazê-lo, são propriamente as massas que sofrem:

A inteligência é superada tão logo o poder deixa de obedecer à regra do jogo e passa à apropriação imediata. O meio da inteligência tradicional burguesa, a discussão, se desfaz. Os indivíduos já não podem mais conversar e sabem disso: por isso fizeram do jogo uma instituição séria, responsável e exigindo a utilização de todas as forças, de tal sorte que, por um lado, o diálogo não é mais possível e, por outro, nem por isso é preciso se calar. As coisas não se passam de modo muito diferente numa escala maior. Não é fácil falar com um fascista. Quando o outro toma a palavra, ele reage interrompendo-o com insolência. Ele é inacessível à razão porque só a enxerga na capitulação do outro.⁸⁴

Na grande maioria das ditaduras de extrema direita do mundo, o crescimento econômico – muitas das vezes fundado na política armamentista⁸⁵ – só favoreceu os mais ricos, e abandonou a maior parte da população na miséria. Por isso há algo a ser analisado na política neoliberal atual, que cria esse clima favorável ao fascismo; propriamente, se o que ela defende realmente é a liberdade, e se essa liberdade defendida é aplicável a todos.

Se é verdade que devemos saber o que é liberdade a fim de determinar quais partidos na história lutaram por ela, não é menos verdade que devemos conhecer o caráter desses partidos a fim de determinar o que é liberdade. A resposta está nos contornos concretos das épocas da história. A definição de liberdade é a teoria da história, e vice-versa⁸⁶.

O liberal que defende o fascismo está, ironicamente, dando um tiro no pé, e não só porque o conceito de liberdade é esvaziado uma vez que este chega ao poder:

Mas na competição dos Estados, os fascistas não só são igualmente capazes de cometer erros, mas também, com as qualidades como miopia intelectual, obstinação, desconhecimento das forças econômicas e, sobretudo, com a incapacidade de ver o negativo e leva-lo em conta na avaliação da situação em seu conjunto, também contribuem subjetivamente para a catástrofe que, no íntimo, sempre esperaram.⁸⁷

Há um último argumento que gostaria de tratar neste capítulo, o da indiferença humana. Com o progresso técnico, os homens se tornaram apáticos uns com os outros,

⁸³ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 38.

⁸⁴ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. p. 174.

⁸⁵ Ibid. p. 38

⁸⁶ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 185.

⁸⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. p. 174.

os meios foram fetichizados porque o fim – propriamente, a vida humana digna – foi encoberto e desconectado da consciência das pessoas.⁸⁸ É inegável que as pessoas se tornaram mais informadas, sua comunicação foi facilitada, e a partir de suas organizações elas podem lutar pelo que lhes beneficia. Porém, pelo próprio contato a partir das tecnologias, há um aspecto de frieza. Na Europa pré Segunda Guerra Mundial, havia um espírito de progresso que diminuía a distância entre as pessoas, mas quanto menores as fronteiras, mais o receio e a rejeição ao diferente se instauravam. Hoje, isso se verifica de forma muito mais intensa, como analisado por Zygmunt Bauman, ao tratar da superficialidade das relações humanas com o avanço da tecnologia.⁸⁹ Por trás disso está a fetichização da técnica, que configura a dominação afirmada por Adorno:

No caso do tipo com tendências à fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. [...] O que contradiz o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza, mas nada podem fazer para alterá-la. Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar.⁹⁰

Todo o progresso da história, a dominação, a razão subjetiva, culmina nesse ponto do capitalismo, em que as pessoas se tornam incapazes de amar. O sujeito de consciência coisificada aprende a amar só seu igual, as coisas. Com o progresso técnico, a disseminação desse pensamento se intensifica na velocidade de envio de informações. As redes sociais se tornam o principal meio expressar sua frieza, e ter milhares de leitores igualmente frios como receptores. O ódio hoje se propaga mais rapidamente do que antes; sem necessidade de verificação, numa época em que a verdade foi substituída pelo consumo e propaganda – foram criadas até indústrias para isso, a das “fake news”. Aqui então está traçada a conjuntura política e social do Brasil atual, em que o fascismo bate à porta, e há quase 50 milhões de brasileiros querendo atendê-la.

⁸⁸ ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 132.

⁸⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=IyhOBYoBnsU> Acesso em 25/10/2018.

⁹⁰ ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 133-134.

4 – A emancipação e resistência

Neste capítulo, tratarei da emancipação do indivíduo como forma de fortalecimento do ego, da formação do indivíduo autodeterminado para a resistência à barbárie. Emancipação, para Adorno, é conscientização e racionalidade⁹¹; reside na noção de reconciliação do indivíduo que, enquanto natureza, se reconhece diferente dela, a partir da reflexão consciente. Segundo Horkheimer, quando uma pessoa chega à sua adolescência, ela nota o choque da realidade com os ideais que aprendeu durante sua infância. Suas expectativas se mostram demasiado grandes em relação ao sistema real a que deve submeter-se. A partir daí, dependendo do desenvolvimento saudável ou não de seu mecanismo psicológico, ele atua na sociedade de duas formas possíveis:

O indivíduo que faz essa descoberta pode agregar ao seu caráter um desses dois importantes elementos: a resistência ou a submissão. O indivíduo que resiste irá opor-se a qualquer tentativa pragmática de reconciliar as demandas da verdade e as irracionalidades do existente. Em vez de sacrificar a verdade conformando-se aos padrões dominantes, ele insistirá em expressar em sua vida tanta verdade quanto possível, tanto na teoria quanto na prática. Sua vida será de conflitos; ele deve estar pronto para correr o risco da solidão extrema. A hostilidade irracional que o inclinaria a projetar suas dificuldades internas sobre o mundo é superada pela paixão de realizar o que seu pai representava em sua imaginação infantil, a saber, a verdade. Esse tipo de jovem – se é que se trata de um tipo – leva a sério o que lhe foi ensinado. Ele pelo menos é bem-sucedido no processo de internalização, na medida em que se volta contra a autoridade externa e contra o culto cego da assim chamada realidade. Ele não se esquivava de confrontar persistentemente a realidade com a verdade, de desvelar o antagonismo entre os ideais e a efetividade. Sua crítica, teórica e prática, é uma reafirmação negativa da fé positiva que tinha quando criança.
92

Vale notar aqui que a emancipação do indivíduo que o faz ir contra o culto da realidade não significa o seu isolamento. As virtudes que ele desenvolve enquanto indivíduo também são sociais. O que é afirmado, então, é que o indivíduo deve se libertar da atomização resultante dos ideais burgueses, que foi intensificada com o tempo e se mostra na apatia das pessoas na sociedade coletivizada.⁹³ Segundo os autores, é a partir dessa emancipação que a sociedade conseguirá se livrar da barbárie:

Superando a doença do espírito, que grassa no terreno da autoafirmação imune à reflexão, a humanidade deixaria de ser a contrarrazão universal para se tornar a espécie que, embora natureza, é mais que a simples natureza, na medida em que se apercebe de sua própria imagem. A emancipação individual e social da dominação é o movimento contrário à falsa projeção, e todo judeu que soubesse vencê-la dentro de si perderia toda semelhança com

⁹¹ ADORNO, Theodor W. Educação para que?, p. 143.

⁹² HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 126.

⁹³ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 150.

a desgraça que irrompe cegamente sobre ele, assim como sobre todos os perseguidos, homens ou animais.⁹⁴

A realização da emancipação, no entanto, não deve ser deixada ao acaso, ou ao indivíduo próprio, mas há de se efetuar uma mudança geral na metodologia da educação, nas instituições, e na visão da sociedade acerca da família e dos intelectuais. Tratarei então de mencionar ponto a ponto sobre o que foi tratado nos capítulos anteriores em relação a essa conscientização. O objetivo no primeiro momento é se livrar da barbárie, mas o fim último seria a tomada de consciência geral da população. Hoje, os homens desde cedo já estão inseridos na complexidade de mecanismos de coletivização e seu aspecto de necessidade, das escolas até os sindicatos, o que é uma barreira para a individualidade e particularidade. Desse modo, Horkheimer afirma que, como passo para a emancipação, “a tarefa das massas consiste hoje não em agarrar-se aos modelos partidários tradicionais, mas, antes, em reconhecer o padrão monopolista que se infiltra em suas próprias organizações e infesta individualmente suas mentes, e resistir a ele”,⁹⁵ ou seja, fazer as pessoas entenderem que são meios de propagação e manutenção da própria dominação. Isso inclui a demonstração das contradições ideológicas do próprio liberal moderno, que em sua posição favorecida de liberdade, ainda está limitado pelos mecanismos econômicos dos grandes trustes.⁹⁶ O próprio signo ideológico da autoridade e liberdade deve se tornar consciente para que sua função positiva possa surgir na forma de autodeterminação do indivíduo:

A verdadeira contradição ao conceito burguês de autoridade encontra-se no seu desprender-se do interesse egoísta e da exploração. Esta contradição está ligada à ideia da mais elevada forma social que é possível hoje. Somente quando as funções de direção e de execução no trabalho não estiverem associadas à vida boa ou ruim, nem forem atribuídas a classes sociais fixas, é que a categoria da autoridade assume um outro significado.⁹⁷

Acerca do esquecimento do fascismo, Adorno propõe “referir-se ao passado em experiências de esclarecimento público”. No sistema de adaptação e conformismo atual, como tratado anteriormente, as pessoas perdem sua autonomia, e com isso o sentido de democracia é esvaziado. A proposta seria realizar uma “pedagogia democrática”, que possa se contrapor ao esquecimento, que eventualmente se torna justificativa da barbárie – no caso de Adorno, do nazismo, e no Brasil, da ditadura militar – e lutar contra os argumentos que amenizam o terror passado. É a atuação com

⁹⁴ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 164.

⁹⁵ Ibid. p. 162.

⁹⁶ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*, p. 209.

⁹⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*, p. 212.

seriedade de uma educação política que atinge os que estão predispostos à resistência individual. Para isso, segundo Adorno, seria necessário educar os educadores, e fortalecer uma sociologia vinculada à pesquisa histórica da própria época, junto à realização de uma análise de massas a partir de instituições especializadas. O objetivo é claro, mas Adorno insiste que isso deve ser feito “mesmo que se resumisse a tornar natural a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e sobre a relação com os outros que costumam ser os destinatários dessa violência”.⁹⁸ No entanto, para a eficácia desses estudos e sua vinculação com um novo modo de educação, sua efetuação não pode ser em forma de propaganda – o controle racional do irracional nos termos totalitários – mas de forma consciente e reflexiva. É “preciso tornar conscientes neles os mecanismos que provocam neles próprios o preconceito racial”.⁹⁹ Novamente é preciso ressaltar que só tratar do psicológico da população não trará mudanças, mas é preciso tratar as causas do potencial fascista, a origem do ressentimento. Se o fascismo floresce ao explorar e manipular os interesses pessoais da sociedade, então é necessário verificar e atentar aos interesses imediatos das pessoas. No quesito da educação, Adorno comenta que o foco deve ser na infância:

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes.¹⁰⁰

Essa educação deve alcançar todas as crianças. Como demonstrado no texto “Educação após Auschwitz”, Adorno nota que grande parte dos “algozes do campo de concentração” eram jovens camponeses. Nesse sentido, seria necessário a desbarbarização do campo. Essa análise pode ser estendida ao Brasil. Dentre as possibilidades educacionais desses casos particulares, seriam as transmissões televisivas que “atendam pontos nevrálgicos daquele peculiar estado de consciência”, além da “formação de grupos e colunas educacionais móveis de voluntários” que se dirijam a esses locais para realização de discussões e cursos de ensino suplementar.¹⁰¹ A partir das pesquisas institucionais de análise de massas, é possível verificar os grupos de pessoas com traços sádicos reprimidos. Acerca disso, Adorno afirma:

⁹⁸ ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado, p. 45.

⁹⁹ Ibid., p. 48.

¹⁰⁰ ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 123.

¹⁰¹ ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 126.

Aqui seria preciso estudar também a função do esporte que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fair-play*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.¹⁰²

Para Adorno, a educação deve atentar principalmente para a resistência em relação ao “poder cego de todos os coletivos”, ou seja, ao que leva as pessoas a apoiarem líderes apenas pela concordância com o grupo. A efetuação disso seria a conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, e o alerta acerca dos problemas da coletivização. “O esclarecimento racional”, afirma Adorno, “fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo.”¹⁰³ Essa educação específica tratada aqui, não consiste, como já foi dito, na propaganda, na tentativa de “modelagem” das pessoas e muito menos na transmissão de conhecimentos. Sua importância é destacada em relação à atuação política atual, que requer uma consciência plenamente desenvolvida:

Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado.¹⁰⁴

Adorno ainda considera que a educação precisa levar em conta o princípio de adaptação enquanto preparação do homem para o mundo. Mas também critica o modo com que ela é realizada atualmente, ela produz “nada além de pessoas bem ajustadas” em relação ao existente.¹⁰⁵ Dessa forma, o foco seria tirar a educação como forma institucionalizada de adaptação, e torna-la uma forma de resistência. É o desenvolvimento de uma consciência que pensa sobre seu conteúdo, a realidade, que realiza o pensar enquanto experiências intelectuais. É realizar a mudança de uma consciência coisificada, que representa a atomização do indivíduo enquanto frieza, para um individualismo real, de consciência social, que representa a liberdade em seu sentido prático mais próximo da realidade. Isso deve ser realizado na educação, pois o que antes poderia ser considerado tarefa do próprio campo de trabalho, hoje não é aplicável, pois os processos de trabalho não requerem mais habilidades propriamente individuais, que

¹⁰² ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 127.

¹⁰³ Ibid. p. 136.

¹⁰⁴ ADORNO, Theodor W. Educação para que?, p. 141.

¹⁰⁵ ADORNO, Theodor W. Educação para que?, p. 144.

desenvolvem essa consciência crítica. É necessário se opor ao anti individualismo autoritário, de caráter fascista:

[...] a sociedade premia em geral uma não-individuação, uma atitude colaboracionista. Paralelamente a isso acontece aquele enfraquecimento da formação do eu, que de há muito tempo é conhecida da psicologia como “fraqueza do eu”. Por fim, é preciso lembrar também que o próprio indivíduo, e, portanto, a pessoa individualizada que insiste estritamente no interesse próprio, e que, num certo sentido, considera a si mesma como fim último, também é bastante problemática.¹⁰⁶

No texto “Educação contra a barbárie”, Adorno afirma que todos temos traços de barbárie, e temos que utilizar disso para ir contra a própria barbárie. Hoje a barbárie se mostra abertamente sob o signo da autoridade, a representação da deformidade psicológica em atos de repressão normalmente “justificados” ou autorizados e realizados por alguma instituição. Eis aí o que diferencia os atos e manifestações taxadas de vandalismo com a repressão policial dos mesmos. Em janeiro de 2016 ocorreu no Brasil um movimento nacional de manifestações dos estudantes secundaristas contra a PEC que limitava o teto de gastos do governo federal, os projetos “Escola Sem Partido” e sobre o “Novo Ensino Médio”. Estudantes de todo o país foram às ruas, pararam o trânsito e ergueram cartazes. Alguns poucos picharam muros e destruíram propriedades públicas e particulares. A repressão policial, desse modo, foi justificada a partir dessa minoria, mas recaiu sobre todo o movimento, agredindo alunos e professores. Adorno, quando vivenciou um movimento similar na Alemanha, afirmou que “se examinarmos mais de perto os acontecimentos que ocorrem atualmente na rebelião estudantil, então descobriremos que de modo algum se trata neste caso de erupções primitivas de violência, mas em geral de modos de agir politicamente refletidos”.¹⁰⁷ É por conta dessa face da barbárie, ou seja, enquanto a submissão à autoridade, que a emancipação deve ser ativa, autodeterminada – pois a “passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma de barbárie”.¹⁰⁸ Nesse sentido, outra função da educação é se desvincular da autoridade não esclarecida, como objetivo a formação de “um superego rigoroso, estável e ao mesmo tempo exteriorizado”.¹⁰⁹ As asserções positivas pela ordem e autoridade são feitas e defendidas não pela objetividade delas e sua validade como auto determinadoras do indivíduo, mas

¹⁰⁶ ADORNO, Theodor W. Educação para que? p. 153.

¹⁰⁷ ADORNO, Theodor W. A educação contra a barbárie, p. 160.

¹⁰⁸ Ibid. p.164.

¹⁰⁹ Ibid. p. 165.

pelos poucos aspectos em que esses termos facilitam a gestão das pessoas. Assim, Adorno afirma sobre suas pesquisas:

Com o auxílio de amigos acompanhei um pouco a literatura pedagógica acerca da temática da emancipação. Mas, no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia. Em minha opinião essas coisas deveriam ser expostas e apresentadas de modo mais acessível [...].¹¹⁰

Deve-se ressaltar, no entanto, que não só a autoridade não é completamente ruim, quanto ela é uma etapa natural da vida humana. A educação não deve ir cegamente contra qualquer tipo de autoridade, pois apenas esse movimento não é o caminho para a emancipação. Adorno nota que as crianças comportadas em sala de aula, que respeitavam a autoridade do professor, regularmente se tornaram mais autônomas do que as “refratárias”, que apresentaram mais tendências miméticas na fase adulta.¹¹¹ A própria função social psicológica do pai revela como a autoridade pode ser um caminho para a emancipação, no seu sentido de negação à imitação:

É o processo – que Freud denominou como o desenvolvimento normal – pelo qual as crianças em geral se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que aprenderam dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se precisamente por essa via, pessoas emancipadas. Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo da emancipação. Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar esta etapa, e quando isto ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens.¹¹²

No âmbito da relação com o pai, o problema se dá quando a pessoa efetua a interiorização do pai opressivo sem o intermédio saudável do superego. Na falta dessa identificação com o superego, a pessoa se apoia na mimesis, e tende a “sobre-representar” o papel de adulto que aprendeu do pai, uma vez que não conseguiu efetuar seu desenvolvimento de forma saudável e precisa dar credibilidade a esse papel mal sucedido.¹¹³ O próprio modelo do real e o sistema de adaptação intensificam essa falha no desenvolvimento individual, e propagam indefinidamente essa relação do pai com os filhos. É uma relação de manutenção mútua do sistema com a fraqueza do eu no

¹¹⁰ ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação, p. 172.

¹¹¹ ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação, p. 177.

¹¹² ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação, p. 177.

¹¹³ Ibid. p. 179.

indivíduo. Adorno afirma que a “emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês”.¹¹⁴ Desse modo, o papel do intelectual seria não só realizar sua própria emancipação, mas, para a efetivação de uma educação emancipadora, que pretenda dedicar-se à ela completamente.

Nesse âmbito da formação de educadores e suas funções, Adorno ressalta a dificuldade de se encontrar pessoas realmente engajadas nessa mudança. A escolha dessa profissão – que por mais que tenha sido valorizada nas últimas décadas, ainda não atingiu o patamar de respeito que hoje os médicos, advogados e engenheiros recebem – é dificultada pela pressão dos pais e as constantes reclamações das pessoas na área. Adorno comenta que muitos já desistiram antes de começar, e que percebe “a humilhante imposição da realidade que paralisa de antemão qualquer possível resistência”.¹¹⁵ Por isso ele afirma que esse indivíduo, ao notar que não tem a competência apropriada para dedicar-se à sua função, deve ou abandonar a profissão, ou mudar sua posição e enfrentar as dificuldades,¹¹⁶ com o princípio de resistência que é idêntico à tentativa de mudança desse próprio sistema que desacredita das potencialidades emancipatórias e democráticas da educação. Horkheimer, sobre isso, já afirmava:

O crime dos intelectuais modernos contra a sociedade está não tanto no seu distanciamento, mas no sacrifício das contradições e complexidades do pensamento às exigências do assim chamado senso comum. A habilmente processada mentalidade deste século conserva a hostilidade do homem das cavernas em relação ao estranho.¹¹⁷

Dentro do papel da família na geração de indivíduos emancipados, Horkheimer já afirmava que qualquer tentativa de mudança no meio familiar seria “necessariamente sectário e utópico e apenas se afasta das tarefas históricas urgentes”,¹¹⁸ ou seja, sem uma mudança social e educacional a partir das instituições, além da atenção das necessidades imediatas da população, nada poderia ser feito. O que gostaria de acrescentar nesse parágrafo, então, são as funções positivas da família, em contraste com o que foi falado anteriormente. Horkheimer leva em conta que apesar de as uniões sexuais terem sido condicionadas economicamente na história, o amor romântico que foi gerado a partir

¹¹⁴ Ibid., p. 180.

¹¹⁵ ADORNO, Theodor W. A filosofia e os professores, p. 68.

¹¹⁶ Ibid., p. 68.

¹¹⁷ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 98.

¹¹⁸ HORKHEIMER, Max. Autoridade e família, p. 217.

dessas regulamentações pode levar o indivíduo à resistência às forças sociais.¹¹⁹ Quando a unidade familiar está baseada na felicidade mútua, e não no interesse, a resistência surge, na representação de uma defesa contra perigos, no amor sexual e no carinho materno, sob estas condições “a família leva não à autoridade burguesa, mas à ideia de uma condição humana melhor”.¹²⁰ Horkheimer até teoriza a possível geração ou existência de um tipo familiar progressista que está mais conectado com a ideia de comunidade geral do que interesses individuais, em que a educação dos filhos é focada nesses ideais, e não como futuros herdeiros – o que levava à ideia de propriedade burguesa autoritária – assim gerando pessoas que não estão preocupadas com o salário e sobrevivência, mas na criação de um mundo melhor. Uma criação que diferencia o conhecimento dos fatos com a aceitação da realidade. Mas as barreiras para o surgimento dessa família são grandes:

Com o desemprego, que não só torna incerto o trabalho livre, mas também o converte, afinal, num privilégio de grupos de população relativamente limitados e cuidadosamente escolhidos, torna mais raro, sem dúvida, este tipo de família progressista; a desmoralização total, a submissão a qualquer amo resultante do absoluto desespero afeta também as famílias. Impotência e falta de oportunidade de trabalho produtivo desfizeram, em larga escala, as iniciativas de novos tipos de educação.¹²¹

Em relação à falta de amor mencionada no capítulo anterior, Adorno reitera que apesar dessa falta ser notada, não é possível pregar o amor. Pelo próprio desconhecimento do sentido amoroso que está sendo mencionado, a pessoa será incapaz de se transformar. Além de que o próprio incentivo ao amor tem caráter propagandístico e seria uma forma de perpetuar a frieza pelo seu caráter impositivo, opressor e contrário à capacidade de amar.¹²² A luta contra a frieza então se define pela conscientização dos fatores que levam a ela, e o trabalho de superação destes. Um desses fatores é explicitado no mecanismo educacional que incita a repressão e internalização do medo, que “premia a dor e a capacidade de suportá-la”, e que hoje precisa ser superado. Adorno reconhece que “quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir”.¹²³ Nesse sentido, a promoção do amor não é eficaz e possível, mas a conscientização da não repressão do medo se mostra um fator necessário para a

¹¹⁹ Ibid., p. 184.

¹²⁰ Ibid. p. 226.

¹²¹ HORKHEIMER, Max. Autoridade e família, p. 233.

¹²² ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz, p. 135.

¹²³ Ibid. p. 129.

educação atual. Algumas dessas soluções particulares deveriam ser aplicadas no âmbito familiar, mas hoje há a grande transferência das funções educacionais da família para a escola, contribuindo para a não emancipação e uma educação coletivista.¹²⁴ Essa transferência infla cada vez mais a função da escola na sociedade, uma instituição que já não se mostra eficiente em sua função básica de educação formal, pelo próprio fato de lidar com indivíduos não emancipados. Desse modo, a insuficiência da educação deve se tornar consciente nos educadores e nas instituições como premissa para a aplicação de métodos emancipatórios:

A situação é paradoxal. Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência.¹²⁵

A contradição consciente é a primeira forma de os educadores realizarem a emancipação. Adorno afirma que “o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já encontra-se determinado pela ausência de liberdade da sociedade”.¹²⁶ Mas dentre os aspectos práticos do método educacional para a autodeterminação do sujeito, há vários exemplos citados pelo autor em seus textos no compilado *Educação e emancipação*. Primeiramente, é necessário mudar o sistema educacional baseado na competição, a criação de um ambiente que não coloque as pessoas umas contra as outras, que se estende posteriormente para além da sala de aula.¹²⁷ Depois, nos níveis mais avançados, o equivalente ao ensino médio, deve-se assistir a filmes, ouvir programas de rádio e ler revistas de forma conjunta, para demonstrar as falsidades contidas nessas mídias; ajudar os alunos a reconhecer as tendenciosidades das notícias, a ideologia por trás dos filmes, e o estado de espírito que as músicas querem deixar em face do horror. Efetuar a análise de propagandas que se aproveitam de suas “necessidades impulsivas”, e a comparação crítica da música da indústria cultural com obras de arte autênticas de forma objetiva.¹²⁸ O propósito desse

¹²⁴ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 128.

¹²⁵ ADORNO, Theodor W. *Educação para que?*, p. 154.

¹²⁶ ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*, p. 172.

¹²⁷ ADORNO, Theodor W. *A educação contra a barbárie*, p. 161.

¹²⁸ ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*, p. 183.

modelo é a demonstração de que “os homens são enganados de modo permanente”¹²⁹, devido justamente à falta de entendimento dos processos de alienação. No Brasil, o projeto pedagógico de Paulo Freire é uma das representações de uma educação visando à emancipação, mas hoje encontra barreiras baseadas no projeto “Escola Sem Partido”, com o discurso de que é uma doutrinação ideológica e alusiva a uma etapa histórica ultrapassada. Adorno alerta sobre isso também no artigo “Educação e emancipação”:

A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. Por outro lado, posso muito bem imaginar um lobby da indústria cinematográfica imediatamente presente na capital caso houvesse tal iniciativa, explicitando que deste modo pretendemos promover uma propaganda ideológica unilateral [...].¹³⁰

O projeto “Escola Sem Partido” foi desenvolvido pela direita conservadora brasileira e com o apoio de parlamentares evangélicos – que demonstram seu interesse no ensino do criacionismo como teoria nas escolas, em oposição ao evolucionismo. Tal projeto conseguiu grande simpatia entre as pessoas conservadoras no país. Os defensores do projeto afirmam que a educação hoje é fundamentalmente baseada na doutrinação ideológica de esquerda em sala de aula, principalmente no ensino médio em que o aluno é obrigado a assistir as aulas, mas a crítica é estendida às universidades públicas também. O projeto prevê aos alunos identificar a parcialidade do professor em algum assunto e denuncia-lo; a este é possível a expulsão do colégio e até mesmo ser preso. Tudo isso se mostra como barreira para uma educação emancipatória, que foca na conscientização da população acerca da indústria cultural e da realidade como um todo, apenas para a propagação do sistema. No entanto, isso só reitera a tarefa inicial da educação emancipatória propriamente – a resistência:

E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação [...] é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado, ou então está desatualizado ou é utópico. Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos ouvintes o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, justamente com sua

¹²⁹ Ibid., p. 183.

¹³⁰ ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação, p. 183.

própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.¹³¹

A luta pela emancipação na atual conjuntura política brasileira é a luta contra a barbárie, contra o fascismo representado pelo candidato Jair Bolsonaro. Por essa razão, ela não é derivada de uma doutrinação ideológica de esquerda, quando a liberdade defendida por qualquer um dos lados está em jogo. “Quantos não foram os argumentos bem fundamentados com que os judeus negaram as chances de Hitler chegar ao poder, quando sua ascensão já estava clara como o dia!”.¹³² Horkheimer afirma que os pensadores conservadores, que viram o lado negativo da coletivização e mecanização, sempre tentaram “mitigar as consequências da civilização ou re-enfatizando velhos ideais ou apontando para novos objetivos que poderiam ser buscados sem o risco de revolução”.¹³³ No entanto, quando estamos beirando a recaída no fascismo, dá-se o momento da reconciliação, demonstrando que o inimigo em comum é o próprio fascismo e não as minorias, como tentam nos convencer. O dever de se apresentar como resistência diante da repressão – que por sua vez só existe devido à possibilidade de mudança social, caso se mantenha no espírito geral posteriormente – pode ser visto como “a inauguração de uma nova era, na qual a individualidade possa reemergir como um elemento de uma forma de existência menos ideológica e mais humana”.¹³⁴ Principalmente enquanto a pressão econômica não impede completamente o caminho para a emancipação e autodeterminação individual, como o era antigamente.¹³⁵ Gostaria de finalizar esse trabalho, então, com uma citação muito pertinente de Horkheimer sobre o papel da filosofia neste momento:

Hoje, o progresso em direção à utopia está bloqueado, em primeiro lugar, pela completa desproporção entre o peso da esmagadora maquinaria do poder social e aquele das massas atomizadas. Todo o resto – a hipocrisia disseminada, a crença em falsas teorias, o desencorajamento do pensamento especulativo, a debilitação da vontade ou o seu desvio prematuro para atividades sem qualquer fim sob a pressão do medo – é um sintoma dessa desproporção. Se a filosofia tiver sucesso em ajudar as pessoas a reconhecer esses fatores, ela terá prestado um grande serviço à humanidade.¹³⁶

¹³¹ ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação, p. 185.

¹³² ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, p. 173.

¹³³ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 181.

¹³⁴ Ibid p. 177.

¹³⁵ ADORNO, Theodor W. A filosofia e os professores, p. 72.

¹³⁶ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, p. 204

Conclusão

Percorremos, então, nesse trabalho, o itinerário argumentativo de Adorno e Horkheimer acerca do surgimento da barbárie. Vimos como a mentalidade da dominação, a necessidade de se assenhorear da natureza e efetuar o processo civilizatório fez com que, em último termo, a partir da tecnocracia os homens se tornassem apáticos. Vimos também como a filosofia, historicamente conectada com a realidade, acabou se transformando em uma racionalidade que opera com meios e fins, e se tornou ideologia.

Mostramos ainda que, pelo signo da autoridade, os homens se tornaram submissos e ao mesmo tempo demonstraram inclinações para imitar o caráter autoritário de seus superiores, reproduzindo e perpetuando os traços sádicos que os mutilaram. Notamos também como algumas instâncias de resistência foram revertidas para a propagação do sistema, o mesmo sistema que gerou a necessidade de criação dessas instituições. Vimos o papel da indústria cultural e a cultura de massas nesse sistema que domina o pensamento geral na atualidade, e como hoje este conceito está mais atual do que nunca com base na situação do Brasil.

Com tudo isso, pudemos notar como o neoliberalismo atual (a pior face do liberalismo, que suprime as conquistas históricas dos trabalhadores) está diretamente ligado à ascensão da extrema direita por todo o mundo, e porque há a iminência do surgimento de governos autoritários, mesmo quando o mundo já passou pela desgraça que estes trazem consigo sempre que chegam ao poder.

Por fim, foram apresentadas as propostas pedagógicas e de mudanças institucionais e psicológicas de Adorno, sobre como criar um ambiente de resistência a barbárie, gerar pessoas emancipadas, autodeterminadas, que defendem uma liberdade real. Embora os textos de Adorno tenham sido escritos na década de 1960, verificamos sua atualidade no tocante à situação política brasileira, em especial à história vivida entre os anos de 2017 e 2018.

Referências

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.119-138.

_____. A educação contra a barbárie. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.155-168.

_____. Educação, para que? In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.139-154.

_____. Educação e emancipação. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.169-185.

_____. A filosofia e os professores. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.51-74.

_____. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.29-50.

_____. Televisão e formação. In: _____. *Educação e Emancipação*. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.75-96.

ADORNO, Theodor W. *Problems of moral philosophy*. California: Stanford University Press, 2001.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BAUMAN, Sygmunt. Estratégias para a vida. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IyhOBYoBnsU> Acesso em 25/10/2018.

BOLSONARO DISCURSA EM CAMPINA: “A MINORIA TEM QUE SE CURVAR PARA A MAIORIA. Disponível em <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/> Acesso em 25/10/2018.

CONHEÇA O LIVRO DE CABECEIRA DE JAIR BOLSONARO. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/7540801/conheca-livro-cabeceira-jair-bolsonaro-verdade-sufocada> Acesso em 25/10/2018.

HORKHEIMER, Max. Autoridade e família. In: _____. *Teoria crítica I*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.175-236.

_____. *Eclipse da Razão*. Trad. Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HORKHEIMER, Max. Preface. In: ADORNO, Theodor W; BRUNSWIK Else F.; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950.

OLIVEIRA, Newton R. Educação: pensamento e sensibilidade. In: OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (Org.) *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001, p.43-60.

TIBURI, Marcia. Adorno e a impossibilidade da ética. In: OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (Org.) *Teoria crítica, ética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001, p.85-104.

7 VEZES EM QUE GAYS E MULHERES FORAM ALVO DE BOLSONARO. Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/7-vezes-em-que-gays-e-mulheres-foram-alvo-de-bolsonaro/> Acesso em 25/10/2018.